



A Dominação Masculina nos Sites de Rede Social¹

Paula Rickes Viegas²

Raquel Recuero³

Universidade Católica de Pelotas, Pelotas - RS

RESUMO

O presente artigo irá trabalhar com as relações de dominação entre homens e mulheres, tratando esta como fruto de um longo processo histórico, e entender como essa “superioridade” masculina está se legitimando na Internet atualmente e se fortalecendo através do discurso nas mídias sociais. Para análise serão utilizadas duas postagens das páginas no Facebook *#Orgulho de ser Hétero* e *Metendo a Real*, onde é possível visualizar como a violência simbólica é reforçada nos sites de rede social. Como o principal meio da violência simbólica é a linguagem, a metodologia da análise será a CMDA - *Computer Mediated Discourse Analysis* (Análise de Discurso Mediada pelo Computador), onde as postagens serão analisadas por sua estrutura, sentido, interação, comportamento social e comunicação multimodal.

PALAVRAS-CHAVE: violência simbólica; Facebook; sites de rede social; dominação masculina; CMDA.

INTRODUÇÃO

A construção das estruturas sociais, assim como as relações de poder, são feitas a partir de um processo histórico. Uma série de acontecimentos moldaram o cenário que podemos ver hoje. Isso pode ser visto através de nossos hábitos, tradições e ideologias. A sociedade patriarcal também é fruto de um longo processo de imposição e legitimação de poder através da submissão entre os gêneros. Buscando o papel da mulher na história das civilizações podemos perceber que a dominação masculina é um processo que iniciou no surgimento da organização das sociedades.

O pensador Públio Connélio Tácito, considerado um dos maiores historiadores da Antiguidade, descreve a família como uma sólida organização teutônica, onde as mulheres possuíam virtude inabalável e eram “verdadeiras companheiras que sustentavam os ânimos de seus maridos, quando por acaso abatidos pelas vicissitudes das lutas” (LIMA, 1967, p. 166). Podemos perceber que desde a idade medieval a mulher é a base da família, que apoia a todos, demonstrando delicadeza e afínco, mas quem sai às lutas e possui o papel de “dominador” é o homem.

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Publicidade da UCPel, email: paularviegas@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UCPel, email: raquelrecuero@gmail.com



Em sua abordagem sobre o público e o privado na modernidade, Castan (1999) apresenta o papel da mulher como dona de casa. Para ele, a expressão “vida pública no feminino” pode parecer paradoxal, pois a mulher dessas sociedades se vê apenas confinada ao lar.

Com certeza e de modo geral, ela é excluída dos papéis públicos e das responsabilidades exteriores (políticas, administrativas, municipais, corporativas). (...) Cabe à mulher o papel oficioso – reconhecido não sem acrimônia, alias – porém não oficial. (...) Pois sua ocupação é prioritariamente doméstica; o cenário: a casa; sua vocação: encarar a imagem de esposa e mãe, arraigada pela Igreja e pela sociedade civil. A exigência de honra – feita de aparência, fidelidade aos seus e a sua boa reputação – resume-o muito bem; portanto, uma dedicação constante a todos que vivem sob seu teto a destina a servir, ou seja, a cuidar: alimentar, criar, atender na doença assistir na morte. (CASTAN, 1999, p. 417)

Neste período, a mulher tinha papéis delimitados a ela, como cuidar do lar e da família, assim como o homem deve trabalhar fora de casa e cuidar das finanças. Ambos gêneros eram prisioneiros dessas normas sociais. O que marca a dominação masculina aqui é que a mulher sempre fica com as tarefas mais sutis, delicadas, privadas, enquanto para os homens sobram as tarefas braçais, viris e externas à família. Por mais que a mulher tenha muitas responsabilidades no lar, é o homem que comanda as grandes decisões familiares.

O objetivo deste trabalho é questionar algumas regras sociais que nos são impostas ainda nos dias de hoje, desmembrá-las para entender como essas são formadas em nossa percepção e pensar na criação de alternativas de mudança. Neste caso, em específico, o trabalho irá trazer algumas normas invisíveis que reproduzimos dia-a-dia, sem questioná-las muito, como é o caso da dominação masculina, que como vimos é fruto de um longo processo histórico.

Poder Simbólico - o preconceito como algo natural

Bourdieu (1998) nos apresenta o termo Poder Simbólico para designar aquela força invisível que nos faz agir de uma maneira, mesmo sem refletir muito sobre isso. Segundo ele, existe uma dominação simbólica formada em nosso *habitus*, que é construída através de nossas experiências e interações. *Habitus* é uma palavra que vai além de “hábito”, e não está na inserido na vontade consciente do sujeito e sim nas forças que possuem uma finalidade objetiva inconsciente. Segundo Bourdieu (1998) “a dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua, etc.) se exerce



não na lógica pura das consciências, mas através dos esquemas constitutivos dos *habitus*”, o que pode justificar algumas atitudes que contenham preconceito contra homossexuais, negros, mulheres, etc.

O conceito de *habitus* é indispensável para que entendamos esses “pré-conceitos”, que se formam em nossa própria consciência. Ele é a “capacidade de uma estrutura social ser incorporado pelos agentes – primado da razão prática,” como por exemplo a dominação masculina que “se inscreve também nos corpos através de injunções tácitas, implícitas nas rotinas da divisão do trabalho ou dos rituais coletivos e privados.”(BOURDIEU, 2004, p. 34) É através do *habitus* que naturalizamos conceitos em nossa inconsciência, e que através das nossas percepções e pensamentos se tornam ações.

Assim, os preconceitos ficam naturalizados, e sem refletir muito sobre isso, o indivíduo o propaga através do seu discurso e de suas atitudes. O machismo pode ser entendido dentro desse contexto, pois é formado através de um processo histórico que se inseriu no *habitus* dos sujeitos.

Dominação Masculina - uma prisão para ambos os gêneros

A dominação masculina é uma dominação simbólica formada por um longo processo através da história das civilizações, e que encontra muita dificuldade para deixar de existir. Essa dominação está fortemente inscrita no *habitus* dos indivíduos de forma natural. A força da ordem masculina “dispensa justificção”, pois essa visão androcêntrica nos é apresentada como algo neutro.

Para Bourdieu (2004), “a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos” (p. 18). A divisão de trabalho se diferencia entre os gêneros, como vimos anteriormente, a qual vem desde a antiguidade onde já existiam papéis designados para mulheres e outros para homens. Hoje em dia isso é menos visível e mais naturalizado, mas nem por isso deixa de existir. A maioria dos cargos mais altos de grandes empresas ainda é dos homens, enquanto quem fica trabalhando em casa e cuidando dos filhos é normalmente as mulheres. Percebe-se que isso não é uma regra definitiva, mas ver um homem trabalhando como empregado doméstico ou mesmo como dono de casa nos gera um certo estranhamento. Isso insere certas normas na construção social e simbólica dos



gêneros, onde as representações para homens e mulheres se diferem de forma antagônica.

A força particular da sociodicéia masculina lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológico que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada. O trabalho de construção simbólica não se reduz a uma operação estritamente performativa de nominação que oriente e estructure as representações (...) ele se completa e se realiza em uma transformação profunda e duradoura dos corpos (e dos cérebros). (BOURDIEU, 2004, p. 33)

Todo processo de ratificação da dominação masculina se constrói e reconstrói constantemente há muito tempo, e se insere nos pensamentos e percepções dos indivíduos de forma latente e contínua. O indivíduo acaba criando discursos e ações a partir de experiências anteriores, e utiliza o que está inserido em seu habitus para gerar a sua ideologia. Dessa forma algumas pessoas não acham erradas algumas atitudes machistas, ou nem se quer questionam sobre isso, porque para elas isso é normal. A construção social dos gêneros tende a reproduzir este artefato onde o homem deve ser viril e a mulher delicada. Homens e mulheres tendem a aceitar essa norma, assim como Bourdieu argumenta. Para ele, “nas relações de dominação os atos de conhecimento dos dominados são atos de reconhecimento, de submissão” (BOURDIEU, 2004, p.22), ou seja, a mulher aceita sua função de ser feminina, e até inferior.

Vale ressaltar que a sociedade patriarcal não é apenas uma violência de homens contra mulheres. As próprias mulheres propagam certos discursos machistas sem perceber o quanto aquela pequena “piada” pode ser prejudicial para toda uma estrutura social. Além disso, não é somente as mulheres que são atingidas com essas normas. Os homens também tem seu papel a cumprir e regras a seguir. Para Bourdieu (2004) eles também são prisioneiros e vítimas da representação da dominação.

Ser homem, no sentido de *vir*, implica um dever-ser, uma *virtus*, que se impõe sob a forma do “é evidente por si mesma”, sem discussão. Semelhante à nobreza, a honra – que se inscreveu no corpo sob forma de um conjunto de disposições aparentemente naturais, muitas vezes visíveis na maneira peculiar de se manter de pé, aprumar o corpo, de erguer a cabeça, de uma atitude, uma postura, às quais corresponde uma maneira de pensar e de agir, um *éthos*, uma crença, etc. (BOURDIEU, 2004, p. 63)

Assim, torna-se dever do homem se mostrar forte e viril a todo tempo e provar para o pai e para seus amigos que ele é “macho”, e se age com certa delicadeza pode ser ironicamente chamado - não sem uma conotação negativa - de “mulherzinha”. Esse



dever para ele é algo natural, e como Bourdieu argumenta “evidente por si mesma”, ou seja, é uma representação fixa, aceitável e invariável.

Todo esse processo de representação e legitimação gera a dominação entre gêneros, o que pode gerar algumas consequências quase invisíveis, mas com efeitos reais, como a violência simbólica, que é um artefato que opera na ordem no inconsciente dos seres.

A imposição da dominação como forma de Violência Simbólica

A incorporação de classificações e a imposição da dominação entre os diferentes gêneros utiliza a violência como um artefato para se manter viva.

As estruturas de dominação (...) são produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como a violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, Igreja, Escola, Estado. (BOURDIEU, 2004, p.46)

Esse trabalho incessante da dominação deve ser reforçado constantemente entre seus agentes, onde tanto homens quanto mulheres devem incorporar e reproduzir a representação do gênero. Uma forma de imposição desses valores é a violência simbólica, que se utiliza do discurso para reiterar a ratificação da dominação masculina. A violência simbólica se prolifera no inconsciente dos indivíduos mas produz efeitos consciente, reais, práticos.

Bourdieu (2004) faz uma ressalva, tentando se escapar de diversos mal entendidos que sofre ao falar da violência simbólica, pois para muitos trabalhar com esse assunto desvia a importância para o principal problema, que é violência física. Realmente, se formos pensar que o simbólico é o contrário do real, a violência simbólica soa como algo “espiritual” e sem efeitos reais. Mas esse conceito de simbólico é totalmente equivocado. O simbólico faz parte do nosso real, pois o que se constrói de forma inconsciente em nosso *habitus*, acaba se transformando posteriormente em percepções e pensamentos, que através de discursos são compartilhados e legitimados.

Segundo Zizek, a violência física, normalmente chamada de “real” é apenas o pano de fundo do pior problema que é a violência simbólica. A violência visível é apenas a parte mais visível, de um triunvirato que inclui também dois tipos objetivos de violência.

A violência subjetiva é diretamente visível, como confrontos civis, crimes, terrorismo, etc. Ela possui um agente claramente identificável. É o que vemos todos dias na televisão, através das notícias e filmes, ou que vivenciamos através de assaltos, agressões físicas, etc. Mas segundo Zizek, “deveríamos aprender a ganhar recuo, a desenredarmo-nos do engodo fascinante dessa violência subjetiva diretamente visível” (ZIZEK, 2009, p. 9) para podermos visualizar o quadro total da situação e entender melhor como devem funcionar as alternativas de mudança.

Já a Violência Objetiva é dividida em dois tipos por Zizek. A Violência Sistemática “consiste nas consequências muitas vezes catastróficas do funcionamento homogêneo dos nossos sistemas econômico e político” (p. 9). O outro tipo objetivo de violência, que é a base deste trabalho, é a Violência Simbólica, que está encarnada na linguagem e suas formas e se reproduz através do discurso. “Esta violência não está em ação apenas nos casos evidentes – e largamente estudados – de provocação e de relações de dominação social que as nossas formas de discurso habituais produzem” (ZIZEK, 2009, p.9). E é em nossas interações diárias que carregamos o sentido que essa violência produz, e assim reproduzimos a dominação masculina.

A pirâmide da sociedade patriarcal nos ajuda a entender melhor como se dá a dualidade entre o simbólico e real, ou invisível e visível.



Figura 1. Pirâmide da Sociedade Patriarcal

Na ponta da pirâmide é possível visualizar as formas mais visíveis de violência. Em destaque temos o assassinato, que seria a forma mais radical e explícita, seguida por agressão física, abuso sexual, etc, que podem ser encaixadas no que Zizek chamou de Violência Subjetiva, onde o agente é claramente visível. Ações como a humilhação, desvalorização e depreciação aparecem na área da violência invisível, que mesmo sem



possuir consequências físicas, imediatas e diretas, representa a violência, pois reproduz discursivamente a representação da dominação masculina. A base da pirâmide é estruturada pelas formas sutis e invisíveis de violência, como o machismo, o humor e a linguagem sexista. Quanto mais inferior na pirâmide, mais “simbólica” é a violência, pois pode passar despercebida para alguns indivíduos. Esse tipo de violência, como já foi dito, pode ser invisível, mas possui efeitos reais que moldam a representação dos gêneros e, consecutivamente, o *habitus* dos indivíduos.

Dominação e Legitimação através do Discurso nos Sites de Rede Social

No dia 4 de fevereiro de 2014 o Facebook completou 10 anos. O número de usuários nessa data superou os 1,2 bilhões de usuários. As plataformas de interação na Internet, assim como os Sites de Rede Social (SRS) estão cada vez mais inseridas em nossa rotina de forma imperceptível, com fronteiras quase invisíveis. Não podemos mais separar a Internet da “vida real”, pois as interações em rede tem efeitos reais. As interações no Facebook pautam assuntos entre amigos em um encontro, e esse encontro também irá pautar interações no próprio Facebook.

A prática de interação na Internet ajudou a pesquisadores e demais curiosos a visualizarem o que está sendo dito nas redes sociais de forma mais fácil. Segundo Recuero (2012) as conversações nas plataformas online “tem novos formatos e são constantemente adaptadas e negociadas para acontecer dentro das limitações, possibilidades e características das ferramentas” (p. 17). No Facebook, por exemplo, as curtidas podem ser compreendidas como legitimações da mensagem emitida na postagem. Os comentários nos trazem interações ricas em conteúdo, onde os usuários podem se posicionar contra ou a favor à ideia ali apresentada, através de textos, palavras e imagens, além de chamar amigos para verem determinada postagem através das marcações.

Toda essa adaptação ao contexto proposta em cada SRS é constantemente negociada. Goffman traz a noção de “face” de para entender os rituais de adaptação que um indivíduo constrói para ser “aprovado socialmente” (GOFFMAN apud RECUERO, 2012). Todo esse processo é quase inconsciente, e é consequência “dos julgamentos e percepções que são formadas durante as interações, mas também corresponde a uma forma consistente de interação que está construída em determinadas normas contextuais” (p. 87). O indivíduo tem a tarefa incessante de se adaptar às pessoas e a plataforma em que está inserido. Entretanto, a polidez gerada por essa preocupação de



construção da “face” também pode ser quebrada, o que é o caso de pessoas que se contrapõem o discurso apresentado.

Nos SRS, como o Facebook, o conflito pode se tornar mais frequentemente pois não se realiza num encontro face-a-face. Recuero (2012) cita Dery para mostrar a relação da presença física com os debates ocorridos nas plataformas digitais, onde “a separação da palavra ao corpo, característica do ciberespaço” gera “uma aceleração da hostilidade em um conflito, possivelmente por conta de uma sensação de impunidade associada à ausência deste corpo e ao anonimato” (p. 91). Dessa forma os SRS se tornam uma plataforma bastante fértil da Violência Simbólica, pois a sensação de impunidade pode acabar desencadeando a exposição de algumas opiniões preconceituosas que antes só circulavam entre grupos que aceitavam esse tipo de discurso.

Boyd trabalha com o conceito de "audiências invisíveis", como uma das características dos espaços públicos mediados. Para ela, quando falamos com um desconhecido (audiência invisível) é impossível pensarmos em todas as interpretações que o receptor da nossa mensagem pode ter, por isso tendemos a imaginar “um subconjunto específico de leitores ou espectadores em potencial e se concentrar em como os espectadores pretendidos são propensos a responder uma declaração em particular” (BOYD, 2014, p.32), ou seja, tendemos a “esquecer” algumas pessoas que também estão tendo acesso a nossa mensagem. Por exemplo, quando postamos uma mensagem na *timeline* de um amigo, só consideramos que um grupo pequeno de pessoas poderá visualizar essa mensagem, mas na verdade, todos os amigos desse amigo tem acesso a essa mensagem, muito possivelmente pessoas que nem conhecemos e nem imaginamos que estão vendo aquele conteúdo. Isso gera uma noção de contexto muito limitada, onde a adaptação da mensagem ao público/receptor pode ser prejudicada.

METODOLOGIA

O discurso mediado pelo computador é um processo onde seres humanos se comunicam através da troca de mensagens por computadores ligados em rede. Esse tipo de interação se realiza principalmente através dos aspectos visualmente apresentados da linguagem. No Facebook, por exemplo, é possível trocar mensagens através de textos verbais, imagens, vídeos e links por mensagens privadas, através de postagens na *timeline* e também comentários. Além de outras formas de interação como curtidas e compartilhamentos de conteúdo.

Um método adequado para analisar a violência simbólica nos SRS deve abordar, principalmente, a questão do discurso, pois como argumenta Zizek, esse tipo de violência se dá através da linguagem e suas formas. Por este motivo, a metodologia a ser utilizada será a Análise de Discurso Mediada pelo Computador (Computer Mediated Discourse Analysis - CMDA), de Susan Herring. Para ela, as características especiais para esse tipo de interação nos dão pistas de como podemos analisar as mensagens mediadas pelo computador, além de fornecer um ambiente único, sem o contexto físico, interessante para a análise da interação verbal e a relação entre o discurso e a prática social (HERRING, 2004). A partir do CMDA (HERRING, 2004; RECUERO e SILVA, 2013) serão analisadas estrutura, sentido interação e comportamento social. “A orientação metodológica básica de CMDA é a análise de conteúdo com foco na linguagem” (HERRING, 2004, p. 4), de forma qualitativa - nas análises em amostra de texto - ou quantitativa - para serem codificados e contados a partir das frequências relativas produzidas.

Tabela 1. Níveis da CMDA (HERRING, 2004; RECUERO e SILVA, 2013)

Nível	Questões	Fenômeno	Métodos
Estrutura	Oralidade, formalidade, eficiência, expressividade, complexidade, características de gênero e etc.	Tipografia, ortografia, morfologia, sintaxe, esquema do discurso, convenções de formatação e etc.	Linguística estrutural e descritiva, Análise textual, Corpus linguístico, estilística etc.
Sentido	Qual é a intenção O que é comunicado O que é realizado	Sentido de palavras, atos de fala, locuções, trocas e etc.	Semântica e pragmática.
Interação	Interatividade, tempo, coerência, reparação, interação como construção e etc.	Turnos, sequenciamentos, trocas e etc.	Análise da Conversação e etnometodologia.
Comportamento Social	Dinâmica social, poder, influência, identidade, comunidade, diferenças culturais e etc.	Expressões linguísticas de status, negociação de conflito, gerenciamento da face, jogos, discurso e etc.	Sociolinguística interacional, Análise Crítica do Discurso, Etnografia da comunicação.
Comunicação Multimodal⁴	Efeitos do modo, coerência do cruzamento de modos, gerenciamento de endereçamento e referência, espalhamento de unidades de sentido gráficas, co-atividade de mídia e etc.	Escolha do modo, texto-na imagem, citações em imagens, animação, deixis e posição espacial e temporal, etc.	Semiótica social, análise de conteúdo visual e etc.

⁴ “Essa última categoria é proposta e discutida por Herring em novo trabalho (2012) e não fazia parte das características propostas inicialmente em 2004. A inclusão desta categoria é proposta diante do advento do que a autora chama de Web 2.0, os novos ambientes do discurso que projetam novos padrões de uso, novos contextos de linguagem, convergentes e hipermediáticos.” (RECUERO e SILVA, 2013)

Essa metodologia servirá como base de uma análise em duas publicações no Facebook que reproduzem o discurso da dominação masculina, além da análise de seus comentários para que seja possível visualizar o posicionamento do usuário sobre este conteúdo.

ANÁLISE

Para análise foram escolhidas duas postagens no Facebook, uma da *fanpage* “Metendo a Real” e outra da “#Orgulho de Ser Hétero”. Ambas postagens abordam como tema a construção do gênero feminino.

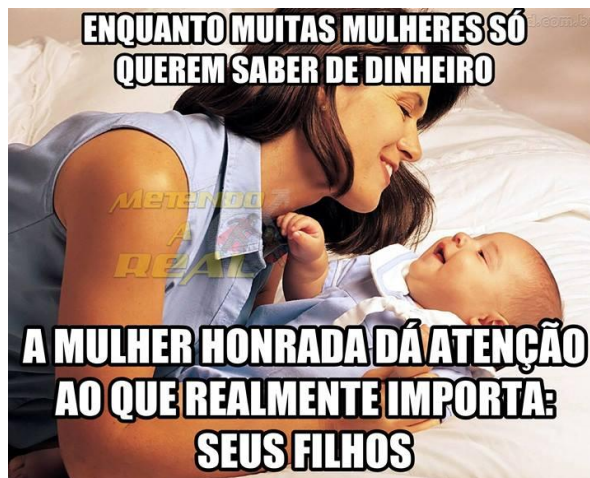


Figura 2. Postagem 1: Metendo a Real - 184 curtidas - 13 comentários - 98 compartilhamentos



Figura 3. Postagem 2: #Orgulho de Ser Hétero - 7450 curtidas - 542 comentários - 8448 compartilhamentos

Estrutura

Ambas postagens possuem uma imagem de fundo com um texto localizado em um canto da imagem, além da assinatura com o nome da página. A primeira postagem possui dois blocos de texto, um em cima e outro embaixo, o que dá uma impressão de



“pausa” entre esses textos. Na segunda postagem o texto se localiza no canto esquerdo da imagem, o que gera mais destaque para a imagem.

Sentido

Nas duas postagens podemos observar mensagens que falam sobre o papel da mulher na sociedade. Isso pode ser compreendido na visão de Bourdieu (2004) que explica a divisão social do trabalho como instrumento da ratificação da dominação masculina. Na primeira, eles julgam que a mulher deve ter família e cuidar dos filhos, sem pensar apenas em dinheiro. Nesse caso, eles acreditam que a mulher é honrada quando dá atenção apenas a seus filhos. A segunda postagem fala sobre a aparência das mulheres e também sobre seus deveres com as tarefas de casa. Essa mensagem é direcionada aos homens, e fica implícito que a mulher é que deve cozinhar e não o homem. O conselho que eles dão é que os homens precisam escolher uma mulher apenas por sua beleza, mas principalmente por seus dotes culinários, pois é ela quem vai cozinhar para ele quando casarem.

Interação

É através das interações no Facebook que podemos ver como o discurso está sendo recebido. Nesse contexto, podemos considerar as curtidas como forma de legitimação do discurso. A primeira postagem pode não possuir tantas curtidas quanto a segunda devido ao número bastante inferior de curtidas na própria *fanpage*. Além dos comentários onde os usuários chamam seus amigos para visualizar a postagem através de marcações, o que a princípio demonstra certa neutralidade, outros se posicionam de forma crítica. Sem contar as curtidas e os demais comentários que vieram a partir desses comentários, pode-se observar que 3 mulheres apoiaram a mensagem e 2 discordaram. Entre os homens foram 2 que apoiaram totalmente e 1 que acredita que a mulher deve cuidar dos filhos, mas também acha que elas deveriam trabalhar para ajudar nas contas de casa.

A página “Metendo a Real” responde a vários comentários firmando sua opinião, como na imagem abaixo, onde uma mulher se posicionou contra a postagem. Para ela, as mulheres podem cuidar dos filhos mesmo trabalhando fora de casa. Em pouco tempo o administrador da página respondeu discordando e argumentando que antigamente a mulher agradecia a proteção que o marido dava a ela através do cuidado com a prole.



Figura 4. Comentário respondido na postagem 1

Na segunda postagem o número de curtidas foi bem grande (7450), mas o compartilhamento foi ainda superior (8448). A maioria dos comentários foi de apoio, ou seja, legitimação da mensagem. Muitas mulheres aceitaram o discurso e ainda afirmaram que não cozinham bem, comentando coisas como “não é meu caso” ou “preciso de algumas aulas de culinária”. Pouquíssimos usuários foram contra esse discurso. No exemplo abaixo podemos ver uma usuária que chamou a publicação de “machista ao extremo” e disse que viu a postagem a partir de um compartilhamento de um amigo seu no Facebook. Um desses comentários é respondido com “só porque não sabe cozinhar”, ou seja, para o usuário ela só está se indignando pois não está no padrão apresentado pela página.



Figura 5. Comentário na postagem 2

Aqui podemos ver uma situação de conflito, onde a usuária não cedeu as normas daquele grupo que estava interagindo na página e legitimando a dominação masculina. Assim, ela quebrou a noção de “face” e não respeitou a polidez do grupo (RECUERO, 2012), para poder se posicionar contra a maioria dominante.

Comportamento Social

Nas postagens podemos ver um reforço do Poder Simbólico (BOURDIEU, 1998), onde o discurso dominante foi legitimado através de curtidas, compartilhamentos e comentários positivos. Os textos reforçaram a dominação masculina através da divisão social do trabalho, que funciona como um instrumento de reforço da ordem social (BOURDIEU, 2004). A maioria ratificou o discurso da construção do gênero feminino e da dominação masculina, evitando assim a ameaça à “face” (GOFFMAN apud RECUERO, 2009). Apenas uma pequena parcela de usuários se posicionou contra e não se importou em quebrar a polidez para defender sua posição.

Comunicação Multimodal

As formas de interação no Facebook proporcionam diferentes maneiras de construir uma mensagem. O compartilhamento, por exemplo, pode legitimar ou depreciar a mensagem da postagem (de acordo com o texto que acompanha a postagem) e ainda trazer novas interpretações para o tema.

Outra forma de interação é a marcação de amigos, onde o usuário “chama” outro usuário para ver a postagem, ou relaciona ele com o conteúdo em questão.

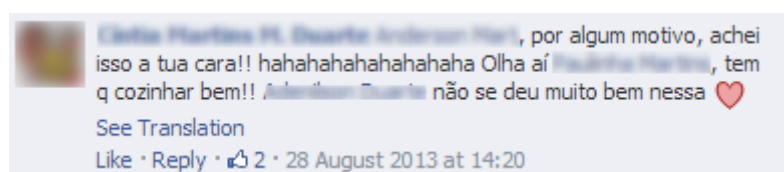


Figura 6. Marcações em um comentário na postagem 2

Aqui a usuária utilizou dos comentários para legitimar o discurso, explicar sua situação marcando amigos e chamá-los para ver a postagem.



CONCLUSÃO

Ambas postagens designam papéis para as mulheres, mostrando que mulheres devem cuidar dos filhos e cozinhar para o marido, isso faz parte da construção do gênero feminino e a reprodução da dominação masculina, que molda a ordem social a partir da divisão social do trabalho (BOURDIEU, 2004). As postagens reproduzem o discurso inscrito no *habitus* (BOURDIEU, 1998, 2004) dos sujeitos e reforça ainda mais sua permanência na esfera social inconsciente. Esse processo está inscrito no Poder Simbólico que se legitima a partir dos discursos da Violência Simbólica, que está encarnada justamente na linguagem e suas formas (ZIZEK, 2009).

Todo esse processo se molda ao contexto virtual através da plataforma oferecida pelo Facebook. Os exemplos trazidos aqui foram de postagens que carregam o discurso da construção de gênero e legitimados através das interações disponíveis neste SRS, como curtidas, compartilhamentos e comentários. As postagens mostram uma forma sutil de dominação simbólica, pois reproduz o discurso de forma “leve”. Além disso, na segundo postagem, o uso do humor deixa a mensagem ainda mais “aceitável” e também mais “compartilhável”, assim como Recuero e Silva (2013) já atentaram para a “permissão do humor” que funciona como “suavizador” da violência simbólica.

Todo esse processo de reprodução da Violência Simbólica pode não ter consequências práticas e imediatas mas faz parte do incessante trabalho da dominação masculina e do reforço do Poder Simbólico. Se o nosso desejo é a mudança, será necessário muito mais do que ações práticas e soluções instantâneas, assim como atenta Bourdieu (2004), “a violência simbólica não pode ser vencida apenas com a consciência e a vontade, porque seus efeitos e condições então duradouramente inscritas no mais íntimo dos corpos sob a forma de predisposições” (p. 51). É necessário ir além da consciência lógica e prática para desraizar o preconceito no *habitus* dos indivíduos.

Precisamos reproduzir de forma contínua e perseverante um discurso contrário, além de inscrever a igualdade no processo histórico com o intuito de reverter a dominação simbólica sobre as minorias. Precisamos entender como se dá o funcionamento do Poder Simbólico para traçar estratégias opostas à desigualdade dos gêneros. É um trabalho incansável, contínuo e árduo, mas possível.



REFERÊNCIAS

- BOUERGIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BOUERGIEU, Pierre. **Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BOYD, Danah. **It's complicated : the social lives of networked teens**. Yale University Press, 2014. Disponível em <http://www.danah.org/itscomplicated>. Acesso 19 mar 2013.
- CASTAN, Nicole. **O público e o particular**. (In) CHARTIER, Roger. **História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes**. ARIÈS, Philippe, DUBY, Georges (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1999. (pp.413-453)
- HERRING, Susan C. **Computer-Mediated Discourse**. In *The Handbook of Discourse Analysis* (pp. 612-634). Oxford: Blackwell, 2001. Disponível em: <http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmd.pdf>. Acesso 17 mar 2014
- HERRING, Susan C. **Computer-Mediated Discourse Analysis: An Approach to Researching Online Behavior**. (In) *Designing for Virtual Communities in the Service of Learning* (pp. 338-376). New York: Cambridge University Press, 2004. Disponível em <http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmda.pdf> Acesso 20 mar 2013
- LIMA, Oliveira. **História da Civilização**. São Paulo: Melhoramentos, 1967.
- RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet** – Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet** – Porto Alegre: Sulina, 2012.
- ŽIŽEK, Slavoj. **Violência – Seis notas à Margem**. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.